

## **“IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO”**

*Ailton Krenak*

*Cia das Letras, São Paulo, 2019*

*Resenha: Alessandro Francisco\**

---

\* Doutor em Filosofia em regime de co-tutela pela PUC-SP e pela Université Paris 8. Professor de cursos de Pós-Graduação Lato Sensu do COGAE (PUC-SP) e do UNIFAI, Pesquisador Associado do LLCP (Université Paris 8), membro do Centro de Estudos Jean-Jacques Rousseau do Brasil e da Associação Brasileira de Estudos do século XVIII (ABES XVIII)

O volume que reúne discursos de Krenak sob o título *Ideias para adiar o fim do mundo* é acanhado, porque breve apenas. Contudo, as três preciosas intervenções que o compõem têm a força e a coragem de que atualmente é carente o pensamento dito ocidental, em especial quando se trata de refletir, isto é, de se flexionar sobre si mesmo em busca de uma metamorfose radical.

O livro reúne três ditos tornados escritos (capítulos): o primeiro, que dá título ao livro, foi proferido em 12 de março de 2019 na Universidade de Coimbra; o segundo, *Do sonho e da terra*, realizado em 6 de maio de 2017 no Teatro Maria Matos, em Lisboa; e o terceiro, é parte da conferência-dança *Antropocenas*, de 2017, publicado em Lisboa em maio do mesmo ano, no catálogo do evento.

Com muita simplicidade, o pensamento ameríndio, já mesclado ao ocidental, visa ainda a desconsertar este último utilizando-se da voz de Ailton Krenak. Não é ele quem fala, mas um discurso ancestral e, portanto, de ordem coletiva.

Incontinenti, aconselha-se a transformar a experiência da leitura para que, na palavra escrita sob a assinatura de Krenak, seja possível sentir os ecos dos clamores oriundos de uma dimensão outra de nosso próprio mundo. Vozes que nos oferecem instrumentos para lavrar o hodierno e erigir o amanhã.

Destarte, tomaremos os três ditos como um discurso unificado, tratando seus componentes segundo sua ordem de exposição. Todos apresentam um *leitmotif*: o Antropoceno (KRENAK, 2019, p. 46, 58, 72).

O termo foi cunhado por Paul Jozef Crutzen, químico laureado com o Prêmio Nobel em 1995, e pelo biólogo Eugene F. Stoermer, que já havia utilizado a palavra, mas em sentido diverso. Advindo do inglês *anthropocene*, tem sua etimologia nos vocábulos gregos ἄνθρωπος (*ánthros*) – homem – e καινός (*kainós*) – aquilo que acaba de ser produzido, recente, novo.

Ambos, Crutzen e Stoermer (2000, p. 17), fazem uma revisão histórica do termo no mesmo breve artigo em que o apresentam, partindo do período chamado Holoceno, que designa a era geológica pós-glacial com início entre 10.000 e 12.000 anos atrás, e cuja noção fora estabelecida por Sir Charles Lyell (1835, p. 384-385) e renomeada por Paul Gervais (1850, p. 433) com base no grego ὅλος (*hólos*) – inteiro. Tratar-se-ia, então, de um período dito “inteiramente novo”<sup>1</sup>. Segundo Gervais, “poder-se-ia também chamar Holocenos aqueles sedimentos da época histórica, ou [a época histórica] cujo sedimento não é anterior à presença do homem” (GERVAIS, 1850, p. 1850). É nesse sentido que este período é também conhecido em inglês pela expressão *Human era* (HE).

Posteriormente, Antonio Stoppani analisa o que seria “o primeiro período da era antropozóica” (STOPPANI, 1873, p. 731), ao afirmar que

A criação do homem é a introdução de um novo elemento na natureza, de uma força absolutamente desconhecida nos mundos antigos. [...] Mas o novo ser, apossando-se do antigo planeta, o novo ser que, não somente reúne o mundo orgânico ao inorgânico, como os antigos habitantes do globo, [...]; esta criatura verdadeiramente nova em si mesma é também, para o mundo físico, um novo elemento: é uma nova força telúrica que, por sua

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre esta divisão do tempo segundo as eras geológicas, ver o Mapa *crono-estratigráfico internacional* (<http://www.stratigraphy.org/ICSchart/ChronostratChart2019-05.jpg>), estabelecido disponibilizado pela International Commission On Stratigraphy.

potência e universalidade, não se esmorece diante das maiores forças do globo (STOPPANI, 1873, p. 732, § 1327).

Em 1926, Vladimir Ivanovich Vernadsky propõe o termo Noosfera, nomeando aquela que seria a “esfera da razão”, por meio da fusão das palavras gregas νόος e σφαῖρα.

Ainda recente, a geologia foi dominada por uma ideia de que os geólogos não podem reconhecer as manifestações das lentas mudanças geológicas que se deram durante a época da existência do Homem. Na época de minha juventude, se aprendia e se pensava que, normalmente, o clima, as estruturas de montanhas, as espécies de organismos não mudavam no curso do estudo geológico, não são de interesse do geólogo. Agora, esta situação ideológica, essencial para um naturalista, mudou abruptamente, e podemos ver a ação das forças geológicas do entorno mais clara e intensivamente. **Difícilmente é um acidente esta mudança ter coincidido com o crescimento (na consciência científica) da crença na significância geológica do *Homo sapiens*; com a descoberta de um novo estado da biosfera, noosfera, que é uma das formas em que este estado se expressa** (VERNADSKY, 1997, p. 28-29, grifo nosso).

Observe-se que, se Vladimir Vernadsky propõe o neologismo noosfera em 1926, o pensador jesuíta Pierre Teilhard de Chardin, por seu lado, evoca o mesmo termo em seu escrito de 1930, publicado somente em 1955, *Le phénomène humain*. No entanto, a despeito de se referir à humanidade por meio deste termo e de seu discurso provir da paleontologia, Teilhard de Chardin aponta para outra direção. Trata-se da análise daquilo que denomina noogênese, ou seja, o nascimento de uma “camada pensante” (THEILHARD DE CHARDIN 1956, p. 121). A noogênese, de acordo com sua compreensão, corresponde a “todos os desenvolvimentos do espírito”, Para ele, “quando, pela primeira vez, no ser vivo, o instinto

se apercebeu no espelho de si mesmo, foi o Mundo inteiramente que deu um passo” (THEILHARD DE CHARDIN 1956, p. 121).

Sem demora, tomemos o caminho de volta. Esta introdução histórico-conceitual acerca da percepção, pelos saberes, do impacto da humanidade sobre o ambiente, da forma como a reconstituímos a partir das pistas oferecidas por Crutzen (2002) e Stoermer (2000, p.17), nos auxilia a reconhecer e abordar aquele que consideramos o tema focal da reflexão e das proposições de Ailton Krenak, o Antropoceno ou, em outras palavras, o período ou era geológica (CRUTZEN & STOERMER, 2000, 17) que se inicia na “última parte do século XVIII, quando as análises do ar coletado no gelo polar mostraram o início do crescimento global das concentrações de dióxido de carbono e metano”. Simultaneamente, este preâmbulo contribui para explicitar a profundidade e a complexidade dos temas tratados por Krenak.

De partida, é à crítica da própria noção de humanidade que Krenak dirige suas reflexões, tomando o Antropoceno numa perspectiva bastante original: trata-se de uma “configuração mental”, isto é, de uma “construção do imaginário coletivo” que funciona como um “*photoshop* na memória coletiva planetária” (KRENAK, 2019, p. 58-59). Haveria uma humanidade única como conceito e como realidade? Seu primeiro capítulo nos faz compreender a humanidade, tal como evocada nos discursos de hoje, como uma noção forjada recentemente em nossa história, cuja funcionalidade é idêntica àquela de clube (KRENAK, 2019, p. 13), pois se funda no pertencimento e não numa ontologia, ou seja, no fato de que se é humano.

O problema se torna ainda mais escabroso quando nos damos conta de que este pertencimento é restrito a 30% da população global.

Krenak denuncia a homogeneização (KRENAK, 2019, p. 24) pregada pelo mundo contemporâneo, que opera como um “liquidificador” e que não permite “o exercício de ser” (KRENAK, 2019, p. 20). Uma vez afiliado à humanidade uniforme, se bloqueia a experiência da diversidade, da heterogeneidade e, portanto, da invenção, da criação (KRENAK, 2019, p. 20).

Se, por um lado, o discurso que defende o ecossistema tem sido aquele da sustentabilidade, por outro, segundo Krenak, a sustentabilidade não passa de um mito (KRENAK, 2019, p. 16). As alterações no meio – na Terra, se se preferir – não serão freadas pelo uso de produtos ditos sustentáveis, pois a sustentabilidade é apenas um discurso que torna possível o “assalto que fazem à nossa ideia de natureza”, algo que somente contribui para que nos distanciemos de uma experiência ampliada do estar no mundo. Estão em pauta uma compreensão e uma experiência da Terra e da humanidade como entes diversos, como uma cisão, ambas equivocadas, segundo Krenak.

Suas análises não são simples observações. Ao contrário, participam de uma discussão que perpassa a Filosofia e a Antropologia desde longa data, primordialmente se se evocar, por exemplo, dentre tantos outros nomes, aqueles de Maurice Merleau-Ponty, Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault, Philippe Descola e Eduardo Viveiros de Castro. Krenak anuncia um modo outro de compreender a vida, demolindo a muralha eri-

gida por um certo sistema de pensamento ocidental que isola, cada uma de seu lado, aquilo que ele próprio (pensamento) entende por natureza e por cultura.

Diz ele,

[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. **Tudo em que eu consigo pensar é natureza** (KRENAK, 2019, p. 17, grifo nosso).

Esta “abstração civilizatória” (KRENAK, 2019, p. 22) que desata os laços entre homem e natureza não somente os homogeneiza como igualmente marginaliza os povos com modos de vida diferentes daquele patrocinado por esta homogeneização, isto é, povos que vivenciam outros modos de ser. Aqueles que resistem a um certo “modelo de progresso” são considerados “sub-humanidade” (KRENAK, 2019, p. 20-22). É o caso dos povos detentores do que Krenak denomina “organicidade” – um modo de vida e de ser – que perturba as organizações, uma vez que o modelo de progresso vigente constitui uma “humanidade zumbi” (KRENAK, 2019, p. 26).

Desde as primeiras linhas destes ditos tornados escritos, se faz ouvir, por Krenak, um manifesto pela pluralidade e pela diversidade – termos recuperados ao longo de toda publicação –, que não convoca a uma guerra, ainda que a constate. O discurso de Krenak, assim como a luta que acompanha sua história pessoal, reivindica a importância fundamental da convivência com o diverso, apresentando os povos ameríndios como

resistência à homogeneização (KRENAK, 2019, p. 31) ou liquidificação – para fazer menção a uma noção proposta por ele próprio – características da contemporaneidade.

Se, por um lado, Ailton Krenak nos oferece uma reflexão a partir de ingredientes do próprio saber ocidental, por outro, traz contribuições de um sistema de pensamento inteiramente outro: o pensamento ameríndio do povo Krenak. Em parte, suas reflexões apresentam categorias de nosso sistema de pensamento, cujo uso excessivo, ao longo de nossa história, promoveu sua deterioração: alienação, ideologia, mercadoria. Estas remetem permanentemente ao capitalismo e ao poder político-econômico de grupos empresariais.

Todavia, suas elaborações são enriquecidas pelo sistema de pensamento ameríndio, exigindo nosso próprio deslocamento, problematizando temas cruciais para o desmonte de nosso próprio saber. Nesta perspectiva, o discurso de Krenak é tão relevante quanto necessário, pois dirige sua desaprovação a uma racionalidade, e não somente a um sistema econômico.

Colocando em xeque os desdobramentos da Razão ocidental e os resultados alcançados ao longo de sua história, a mais profunda denúncia de Krenak se endereça a um abuso da razão (KRENAK, 2019, p. 19). Assim, o Antropoceno (KRENAK, 2019, p. 46, 58, 72) – como configuração mental” – e o “abuso da razão” são revelados personagens de um mesmo quadro.

Distingamos, a seguir, alguns dos temas que estremecem a Razão ocidental e a nossa maneira de ser hodierna, a começar pela (re)personalização daquilo que denominamos natureza, preconizada por Krenak.

Em várias passagens da publicação (KRENAK, 2019, p. 17-18, 40, 47-49), a natureza pensa. Desde de o caso de uma anciã do povo Hopi – atualmente concentrado numa área do nordeste do Arizona (EUA) –, que conversava com sua irmã rocha, passando pelas famílias de montanhas e alcançando o Watu, não apenas compreendido como o rio Doce, mas concebido como um ente vivo, Krenak repudia a “despersonalização” de uma “constelação” de seres interligados e integrados neste organismo a que nomeamos Terra, do qual nós somos igualmente constituintes e, portanto, dependentes. Nesta acepção, não somos senão elementos diversos de um único organismo.

Se um dos modos de pensar é entendido como capacidade de realizar processos de significação, Eduardo Kohn – Professor de antropologia da *McGill University* laureado com o prêmio *Gregory Bateson* em 2014 – já nos mostrara que a natureza também pensa. O uso que faz da semiótica num trabalho de campo realizado na Amazônia tornou-se conhecido, mormente, por seu livro *How forests think: toward an anthropology beyond the human (Como pensam as florestas: concernente uma antropologia além do humano)*, publicado em 2013. Segundo ele, todos os seres estamos conectados e constituímos um mundo vivente em incessante comunicação.

A vida é outro ingrediente constitutivo da proposição de Krenak (KRENAK, 2019, p. 26-27, 42), na medida em que ele rememora a importância da experiência da vida, tanto na forma de “experimentar o prazer de estar vivo”, quanto naquela de uma experiência da “nossa própria cir-

culação no mundo” (KRENAK, 2019, p. 26-27). Segundo ele, o abuso da razão contribuiu para robustecer uma “atitude de negação da vida” (KRENAK, 2019, p. 50), que devemos urgentemente combater.

Ademais, recordemos que, no desdobramento histórico do pensamento ocidental, a própria vida é concebida como o fato de união entre alma e corpo, entre pensamento e matéria, segundo a formulação do epistemólogo Jules Vuillemin (1969, p. 2) ao recuperar as filosofias de Descartes, do jovem Hegel, de Bergson, de Hyppolite e de Merleau-Ponty. Esta breve notícia tem por intento sublinhar que, mesmo no modelo por excelência do pensamento ocidental – a filosofia –, a experiência da vida esteve obstinadamente presente como instrumento de resistência que o próprio pensamento oferecia a si mesmo.

O que está em jogo é uma nova noção e mesmo uma nova experiência da natureza que implica a compreensão da multidimensionalidade de nosso próprio mundo. Ao evocar os saberes tradicionais, mais especificamente as práticas dos xamãs, Krenak elucida que estes mestres não acessam mundos paralelos, mas simplesmente o nosso próprio mundo numa potência diversa (KRENAK, 2019, p. 66). O acesso a estas dimensões talvez seja possível, então, por uma transformação de nosso modo de ser e, conseqüentemente, da experiência que fazemos da vida, o que “implica escutar, sentir, cheirar, inspirar” (KRENAK, 2019, p. 69).

Apoiando-nos nas proposições de Krenak, descobrimos a possibilidade de aceder a outras dimensões do mundo por meio do exercício assíduo da própria percepção, desenvolvendo cada sentido, permitindo que,

combinados, nos revelem outro horizonte de nossa própria experiência. Afinal, não há este “fora da gente” que nomeamos “natureza” (KRENAK, 2019, p. 70). Há algo que constituímos, que afetamos e pelo que somos afetados.

Eduardo Viveiros de Castro, um dos nomes citados por Krenak (2019, p. 31-32), nos conduziu, de maneira similar, a “pensar diferentemente o pensamento” por meio da própria antropologia, tarefa que deve ser compreendida na forma do compromisso “com o projeto de elaboração de uma teoria antropológica da imaginação conceitual, sensível à criatividade e à reflexividade inerentes à vida de todo coletivo, **humano e não humano**” (CASTRO, 2009, p. 7, grifo nosso).

É oportuno frisar que o discurso de Ailton Krenak denuncia a violência sem dela se tornar refém. Ainda que exponha a guerra em vigor – como o fez no primeiro episódio da série de TV *Guerras do Brasil.doc*<sup>2</sup> –, não se deixa contaminar por ela. Sua constatação se aproxima daquela presente na maneira como Michel Foucault compreendeu a política, em especial quando, em seu curso de 1976, no *Collège de France*, propõe a inversão da asserção de Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz – estrategista militar do então Reino da Prússia –, em seu escrito *Vom Kriege (Da guerra ou Sobre a guerra)*. Ao desenvolver sua teoria, Clausewitz afirma “A guerra é uma mera continuação da política por outros meios”<sup>3</sup>. Foucault, em “*Il faut défendre la Société*” (“*É preciso defender a sociedade*”), re-

2 GUERRAS DO BRASIL, 2018.

3 *Der Krieg ist eine bloße Fortsetzung der Politik mit anderen Mitteln* (CLAUSEWITZ, 1905, p. 19; Livro I, Capítulo I, Seção 24).

cupera a frase invertendo-a, e afirma: “a política não é senão a guerra por outros meios” (FOUCAULT, 1997, p. 16).

A advertência de Krenak parece se encaminhar neste sentido: se, por um lado, ele faz uma crítica da ideologia e do consumo, apoiando-se nos conceitos de mercadoria e de alienação, o que o afasta de Foucault – não porque este defendesse o capitalismo, pelo contrário, mas porque sua análise não visava somente ao sistema econômico –, por outro, amplia a perspectiva de seu diagnóstico, censurando um modo de vida e uma racionalidade. Neste ponto, se aproxima consideravelmente de Michel Foucault, ainda que seus aportes advenham também, por seu turno, do saber tradicional. Isto nos faz compreender que os mananciais de onde partem seus exames são dessemelhantes: de um lado, o saber ocidental; de outro, o saber ameríndio. Contudo, a direção de suas investidas é a mesma: uma racionalidade, uma maneira de pensar, o que implica um modo de ser.

O brado de Krenak, que incrimina sem fazer uso da palavra violenta, tem ecos em outros cantos, no duplo sentido deste termo: lugares e cânticos. Nas páginas iniciais da publicação conjunta com Bruce Albert, publicada primeiramente na França sob o nome *La chute du ciel (A queda do céu)* e editada em português recentemente pela Cia das Letras, Davi Kopenawa, xamã ianomâmi citado por ele próprio nesta publicação, já nos advertira:

A floresta é viva. Ela não pode morrer, a não ser que os Brancos se obstinem a destruí-la. Se conseguirem, os rios desaparecerão sob a terra, o solo se tornará quebradiço, as árvores se esmaecerão e as pedras de fundirão sob o calor. [...] Nós morreremos, então, uns após os outros e os Brancos tanto quanto nós. Todos os xamãs acabarão por perecer. Então, se algum

dentre eles não sobreviver para o conter, o céu vai desmoronar (KOPE-NAWA & ALBERT, 2010, p. 15).

Davi Kopenawa não é apenas um sensor. Ele é testemunho de que é possível “habitar uma cosmovisão” (KRENAK, 2019, p. 25). Os saberes tradicionais, como o ianomâmi, produzem “capacidade imaginativa e de existência” (KRENAK, 2019, p. 26). Krenak aposta na transformação de nosso modo de ser: é preciso promover uma desestabilização de um dado padrão de existência, uma ruptura mental (KRENAK, 2019, p. 57). Eis o que ele chama “despertar” (KRENAK, 2019, p. 45) e que declara ter aprendido.

Apressemos-nos que o céu já está em queda! O historiador Patrick Boucheron partilha deste mesmo sentimento: “assistimos à devastação do mundo real em nome de uma dominação virtual”. Trata-se, para ele, de uma liquidação financeira, ecológica e intelectual que nos convoca a defender “formas desejáveis de vida” (BOUCHERON, 2015). Eis que a vida ressurge, tal como no discurso de Krenak, como espaço e finalidade da resistência.

Ora, diante da queda, que arrisco afirmar se anuncia na angústia de todos os povos, Krenak não nos abandona à vertigem. Longe disso, nos doa, por sua voz tornada letra, um verdadeiro esclarecimento, em seu sentido filosófico: a *Aufklärung* foi concebida por Immanuel Kant, em seu artigo de 1784, como uma *Ausgang*: simultaneamente “saída” e “solução”. Não sem poesia, Krenak nos aconselha e nos convida a fabricar “paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019, p. 30, 63): é pela diversão e

pelo prazer que nos sugere um processo de ampliação de nosso horizonte existencial, enriquecendo nossas subjetividades (KRENAK, 2019, p. 32). Em vez de eliminar a queda, ou seja, o fim do mundo, nos invita a pular de paraquedas e a “suspender o céu” (KRENAK, 2019, p. 32), cuja queda possível fora rememorada por Kopenawa.

Em síntese, Ailton Krenak nos arremessa diante do espelho, fazendo-nos mirar a “ vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser” (KRENAK, 2019, p. 31). Para pôr fim ao Antropoceno, compreendido como “configuração mental”, bastaria se lançar com Krenak nas três meditações – verdadeiros exercícios do pensamento – que constituem este livro, e constatar, também em sua companhia, que a Terra já passou por outras configurações, dentre elas aquela em que não fazíamos parte dela (KRENAK, 2019, p. 58).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUHERON, P. Les historiens se doivent d’être indisciplinés. Téléràma. 08 mar. 2015. Disponível em: <https://www.telerama.fr/idees/patrick-boucheron-les-historiens-se-doivent-d-etre-indisciplines,123682.php>. Acesso em: 2 set. 2019.

CASTRO, E. V. Métaphysiques cannibales. Paris: PUF, 2009

CLAUSEWITZ, C. P. G. Vom Kriege. Berlin: Ferd. Dümmerls Verlag., 1905.

CRUTZEN, P.J. Geology of mankind. Nature, London, vol. 415, p. 23, 3 january 2002.

\_\_\_\_\_ & STOERMER, E. F. The “Anthropocene”. IGPB Newsletter, Stockholm, n. 41, p. 17-18, May, 2000.

FOUCAULT, m. « Il faut défendre la société ». Paris: Seuil, 1997.

GERVAIS, P. Sur la répartition des mammifères fossiles entre les différents étages tertiaires qui concourent à former le sol de la France. Mémoires de la Section des Sciences. Montpellier: Académie des sciences et lettres de Montpellier, 1850, p. 399-413.

GUERRAS do Brasil.doc. Episódio 1: As guerras da conquista. Criação: Luiz Bolognesi. Netflix, 2018. (27 min).

KOHN, E, How Forests Think: Towards an Anthropology Beyond the Human. Berkeley : University of California Press, 2013.

KOPENAWA, D. & ALBERT, B. La chute du ciel. Paroles d’un chaman yanomami. Paris: Plon, 2010.

LYELL, C. Principles of geology. 4. Ed. London: John Murray, 1835.  
v. 3.

STOPPANI, A. Corso di geologia. Milano: G. Barnardonie G Brigola,  
1873. v. 2.

THEILHARD DE CHARDIN, P. Le phénomène humain. Paris: Seuil,  
1956.

VERNADSKY, V. I. Scientific thought as a planetary phenomenon.  
Tradução de B. A. Starostin. Moscou: Nongovernmental Ecological  
V.I.Vernadsky Foundation, 1997.

VUILLEMIN, J. Rapport pour la création d’une Chaire d’Histoire  
des systèmes de pensée. Assemblée des professeurs du 30 novembre  
1970. Cote G IV n 39 F\*\*. Paris: Collège de France, 1969.